



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8791 - Pôster - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT02/GT 17 - História da Educação e Filosofia da Educação

MEMÓRIAS DE PROFESSORES APOSENTADOS EM MIRACEMA DO NORTE – TO  
 Aragoneide Martins Barros - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
 Pabla Cassiangela Silva Milhomem - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
 TOCANTINS

Gisele Regina - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Graciene Reis de Sousa - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

### **MEMÓRIAS DE PROFESSORES APOSENTADOS EM MIRACEMA DO NORTE – TO**

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, oriunda das discussões produzidas no Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq: História, Historiografia, Fontes de Pesquisas em Educação, vinculado ao Programa de Pós-Graduação (PPGE) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

O texto teve como propósito compreender os papéis desempenhados pelas professoras que atuaram nos Colégios: Tocantins, José Damasceno Vasconcelos e no Centro de Ensino Médio Santa Terezinha no período de 1960 a 1980 na cidade de Miracema do Tocantins/TO. Dar visibilidade às suas narrativas e práticas escolares no que se refere ao ensino primário e ginásial apresentou indicativos sobre as tradições, os hábitos, os costumes e a constituição da cultura escolar na região.

Utilizou-se a metodologia da História Oral Temática. Por meio dela realizou-se entrevistas com três professoras e um professor, todos aposentados e que aceitaram participar do estudo e exerceram o magistério dentro do período de recorte temporal da pesquisa (1960-1980).

Como procedimento metodológico, a História Oral Temática busca registrar e,

portanto, perpetuar impressões, vivências daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade de forma a permitir um conhecimento vivenciado e dinâmico, que de outra forma, não se conheceria. Nessa lógica, pode ser compreendida como:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1990, p. 52).

Os professores são grandes atores de seus desempenhos educacionais, todavia, esse importante papel na sociedade nem sempre é reconhecido. Verificamos que em Miracema do Norte - atual Miracema do Tocantins há uma grande carência de fontes acerca da História da Educação do município, assim como de registros de estudos sobre a docência do Ensino Fundamental na perspectiva memorialística desses participantes. A lacuna é ainda maior quando a questão é sobre as vozes de professores, já que inexitem pesquisas que deem visibilidade às suas narrativas e suas práticas escolares, notadamente no que se refere ao ensino primário e ginásial, o que faz com que as lembranças profissionais, pessoais e sociais desses docentes permaneçam na obscuridade.

A memória de professoras sobre o exercício da docência entre os anos de 1960 a 1980 nos faz refletir sobre o Ensino Fundamental (primário e ginásial). Jacques Le Goff (2003) concebe a memória como conservação do cotidiano das realizações humanas. Isto significa que a pesquisa destaca a memória dos participantes visto que, esses professores contribuíram com a construção da educação do Norte do Estado, hoje, Tocantins (RIBEIRO; MUTA; SILVA, 2011).

Esses participantes são testemunhas de uma educação do tempo em que o modo de vida no município possuía características tipicamente rurais, já que vivia um grande isolamento em relação à capital do Estado (Goiânia) e ao restante do país.

Nesse sentido, a memória dos professores se constitui em um importante recurso que nos proporcionou refletirmos sobre aspectos da educação, exercício da docência e da vida social que permearam a educação escolar, no período em estudo. Considerando que é por meio da memória que o passado surge nas lembranças e vão mesclando com as percepções do presente, ou vice-versa, as impressões do presente interagem com o passado e vão se fixando na consciência (BOSI, 1994). Para a autora, não há um presente sem passado, uma vez que as ações, os eventos, os comportamentos que vivenciamos, são marcados na memória.

Concernente a análise das narrativas, questionou-se os professores acerca de como ocorreu seu ingresso na docência. Uma das participantes relatou que foi no final da década de 1950, observar-se-á que sua narração explicita que não havia naquela época uma educação pública universal, pelo contrário, a educação possuía um sentido político partidário e eleitoral:

Em 59, nessa época, eles pegavam as melhores alunas do colégio para levar para as fazendas para elas começarem a ensinar aquelas pessoas a votarem, e eu comecei meu ingresso em escola foi por aí. Aí eu logo imediatamente fui nomeada por causa do prefeito que era muito amigo do meu pai. Eu trabalhava em particular nas fazendas dando aula para ensinar a pegar na mão, ensinar eles a escrever. Não a ler nem tanto, apenas escrever, para aprender a votar. Mas antes eu já fazia esse trabalho. Só que não

era um trabalho reconhecido, era apenas por fachada de fazendeiro, de tudo para poder eles aprender a votar, que era época de eleição. Mas aí depois eu fui contratada. Antes disso fui contratada pela prefeitura como secretária eu tinha apenas 15 anos, na época [...] mas eu trabalhei antes de eu ser nomeada para o Estado mesmo em si. Eu entrei dia primeiro de janeiro de 59 (SOUSA, 2019).

Em seu relato Sousa (2019), menciona que iniciou seu ofício muito jovem, e que ainda na condição de aluna do primário fora convidada a trabalhar no sertão, “no começo eu não recebia nada porque era na fazenda de um tio meu, aí eu não recebia nada, dava aula para satisfazer “ele”. Depois ao trabalhar nas propriedades de fazendeiros vizinhos no município de Goiatins/TO, passou a receber um valor pequeno e simbólico. Neste período, nota-se que a finalidade do ensino não era alfabetizar, mas contribuir com um aprendizado que propiciasse que os trabalhadores votassem.

Segundo a professora foi uma experiência positiva, mesmo não se tratando de um trabalho formal de docente, mas este lhe oportunizou conhecimento e certa popularidade, visto que apesar da idade e pouco estudo, se agradaram do seu modo de ensinar. Portanto, percebe-se que esse histórico e bom relacionamento com os fazendeiros da região, bem como, a relação de amizade entre seu pai e o prefeito da época, foram elementos fundantes no seu processo de nomeação e contratação na Rede Estadual de Ensino, em janeiro de 1959.

Ouvimos ainda a professora Pereira (2019), a mesma é natural de Carolina/MA e atuou no magistério durante vinte e cinco anos. Ela descreveu sua chegada ao Tocantins da seguinte forma:

Saí do Maranhão para vir pro Goiás (atual Tocantins) foi porque eu me casei e o meu marido morava lá e resolveu morar aqui em Miracema. Então nós fizemos a mudança, viemos de cavalo, viajamos doze dias de cavalo. O meu cunhado, Euclides era o prefeito e nos recebeu com foguete. Fomos muito bem recebidos e aqui eu continuei dando escolinha aqui acolá no município. Fui para a fazenda, passei uns dois anos na fazenda dando aula. Aí, resolvi fazer o vestibular, que era o exame de admissão. Aí, fiz e fui estudar o ginásio, estudei, quando terminei passei para o magistério e aí concluí o magistério e na época eu já trabalhava no colégio e continuei (PEREIRA, 2019).

Pereira (2019) narrou sua chegada ao norte goiano, que se deu em clima de festa após vários dias percorridos montada a cavalo, um dos meios de transportes da época, além dos barcos a motor. Em sua narrativa utilizou o termo “escolinha” para denominar o que seriam as aulas nas primeiras séries. E outros termos utilizados na época como exame de admissão e ginásio.

Outra professora foi Perna (2019) a qual explicitou que o magistério enquanto profissão não estava em seus planos, “eu nunca pensei em dar aula, mas aí às pessoas disseram que precisava de mim, então eu embarquei nessa, porque aqui era muito difícil professor”. Ou seja, ela se tornou professora devido à carência de profissionais da educação na região na época.

Então eu comecei em 1953 a dar aula. Eu tinha 21 anos, aí eu não deixei mais. Eu sou aposentada pelo Goiás e Tocantins, meu último trabalho foi em 1996 quando recebi a última aposentadoria. Porque, como aqui pertencia a Goiás a gente trabalhava e eu

trabalhava com dois cargos, mas era Goiás. Quando separou Goiás e Tocantins eu já era aposentada por um cargo, aí ficou com Goiás, e eu fiquei com outro pelo Tocantins. E depois, eu me aposentei aí falei que maravilha vou me aposentar, passados seis meses eu já estava naquela angústia, não sabia mais o que fazer, porque eu estava com saudades do trabalho. E aí o que eu fiz? Dei seis anos de aula de reforço aqui em casa. Então foram 48 anos e 6 meses que eu trabalhei na educação (PERNA, 2019).

O encontro de Perna (2019) com o magistério aconteceu de repente, por vontade de ajudar a amenizar a falta de professores na região, não por um desejo ou interesse pessoal. Porém, observamos no seu relato que ela se identificou com a profissão de tal modo que após 42 anos de magistério, depois de aposentada sentia saudades da docência e para suprir esse sentimento passou a dar aulas particulares em casa.

A contribuição basilar deste texto foi expor resultados iniciais, parciais de uma pesquisa maior que está em andamento. Mediante a análise das narrativas sobre a trajetória profissional e de vida dos professores aposentados interlocutores da pesquisa identificamos que o percurso destes docentes no magistério ocorreu precocemente, e para alguns participantes as primeiras atividades laborais sucederam em escolas adaptadas no ambiente doméstico e no meio rural.

Diante desse contexto, imaginemos a diversidade de obstáculos vivenciados e superados por estes educadores, pois conforme discorremos nas narrativas no começo da atuação profissional esses professores contavam apenas com o Ensino Fundamental, nenhuma experiência e recursos didáticos praticamente nulos. E mesmo assim atuaram em diferentes turmas/séries/anos exigindo deles uma grande dedicação e comprometimento no exercício de seu ofício, no processo de ensino e aprendizagem e acima de tudo no processo de formação humana e cidadã dos jovens miracemenses.

Dado que, os reveses foram inúmeros, estudar sozinho e com poucas condições para dar aulas com disciplinas e séries não condizentes com seu grau de formação, como por exemplo: conteúdos de direito, psicologia, dentre outras, como expressa o professor Milhomem (2010):

Quando eu dava noções de direito me ajudou bastante porque eu não fiz direito e dar aula no terceiro ano de direito, sem ter feito direito, quer dizer, mas o manual (livro didático) vinha com todos os questionários em cada capítulo, então, para preparar a aula eu respondia todos os questionários. Como meu conhecimento era limitado eu me apegava apenas ao manual em responder claramente todas àquelas questões com eles. Era o mínimo que eu poderia dar, ou o máximo que eu poderia dar né.

Compreendemos que foi mediante as relações com seus alunos, no convívio da sala de aula, nos encontros e desencontros do processo de ensinar e aprender que estes sujeitos foram se constituindo educadores.

Deste modo, a contribuição deixada pelos professores aposentados é pertinente para suscitar novas reflexões junto aos educadores que estão em atividade, como também aos futuros professores, que de um modo ou de outro, estarão envolvidos no processo educativo de seus educandos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Professores Aposentados. Trajetória Educacional. História Oral.

**REFERÊNCIAS**

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RIBEIRO, B. B. D; MULTA, A. na P. Negry; SILVA, E. B. da. **Memórias de Professores Portuenses** (1940 a 1980). Porto Nacional – TO, Pote, 2011.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2. Ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.